

# LU^ . CÃO

uma exposição de  
**Alexandre Estrela e João Maria Gusmão + Pedro Paiva**  
com curadoria de Natxo Checa

uma produção da Galeria Zé dos Bois na  
Calçada do Tijolo, 41A 1200-167 Lisboa

Horário alargado durante a Arco Lisboa  
15–21.05.2017 · 10h–22h · Todos os dias

15.05–01.07.2017 · 18h–22h · Quarta a sábado  
luacaoexpo@gmail.com · tlm. + 351 966 237 200

Galeria Zé dos Bois · Rua da Barroca, nº59 1200–049 Lisboa · t. + 351 213 430 205 · [prazeres@zedosbois.org](mailto:prazeres@zedosbois.org)  
A ZDB é uma estrutura financiada pelo Governo de Portugal – Direcção Geral das Artes.  
O Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social apoia a ZDB. Com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa.



A partir de 2006, para escapar ao tédio lisboeta, desafiei o João e o Pedro, com quem já tinha trabalhado na Zdb, para excursões artísticas noutros lados do mundo. Era do estilo, dinheiro no bolso que angariávamos a rapar concursos públicos e que cambiávamos em dólares, equipamento no porão do avião e, durante cinco anos, procurámos os lugares mais inusitados para a criação artística... Angola, Brasil, Argentina, Marrocos, Chile...

Em Atacama sempre que entrávamos num edifício público havia uma cova reconstruída com uma múmia na posição fetal, uns vasos de cerâmica, uns panos, e nós parvos, horas a olhar para aquilo. Depois à noite no deserto ficávamos especados a ver as montanhas contra o céu estrelado. As luzes noturnas cintilantes furavam os olhos. Era como se não houvesse no mundo um lugar onde as estrelas estivessem tão próximas, como se o céu pudesse cair sobre as nossas cabeças. Imaginávamos a noite ancestral com vinho tinto, a noite primeva das Américas quando ainda se enterravam os mortos nas montanhas, as múmias que o burocrata moderno expõe nos museus para os turistas contemporâneos. Ver mesmo de perto a proximidade de um infinitamente longe. E na vitrine... a múmia exumada com a cabeça em forma de melão alongada na direcção das estrelas; o cadáver no buraco, vasos e panos, um vidro por cima e uns diagramas didácticos onde se explicava como os ameríndios procediam para lentamente alterarem a forma encefálica. O João e o Pedro gostavam daquilo e diziam palavras “bonitas”: *macrocefalia*, *eflúvio magnético*, *abissologia* e *fantasma*, eu acreditava que eles viam merdas nas coisas que eu não via, mas sempre desconfiado das palavras achava que a cópula celeste nos Andes devia ser boa como o milho.

Quando fui com o Alexandre para a Lagoa das Sete Cidades, imaginei que podia trabalhar com ele da mesma maneira, mas a sua resistência a viajar e a sujar as botas entalou-nos numa cabana de madeira húmida no centro da cratera açoriana.

Lá fora, no frio, uma nuvem selava o vulcão enquanto em desespero afiávamos uma criptoméria contra a lareira. A paisagem que nos vendiam como impoluta era agora um lago no Quénia, uma lixeira química de fertilizantes; e a escarpa verde que descia até a lagoa azul, uma encosta japonesa de um latifundiário agro-pecuário. Tudo ecoava outras paragens.

À meia noite, aproveitando a coragem de um charro, fugimos por um túnel que perfurava a parede da cratera em direcção ao mar. Percorremos mudos os infindáveis 1200 metros de teias de aranha. Qualquer estímulo

era exageradamente interpretado. No silêncio invadiram-nos luzes entópticas cortadas por um ladrar satânico de um cão de fila, barulhos estridentes que descobrimos mais tarde virem da folga de uma válvula de esgoto nos tubos que percorriam a gruta Homo faber. A meio caminho a parca luz de um Nokia da idade da pedra revelou-nos dois cubos isométricos e uma vulva geométrica cozidos no morno da rocha.

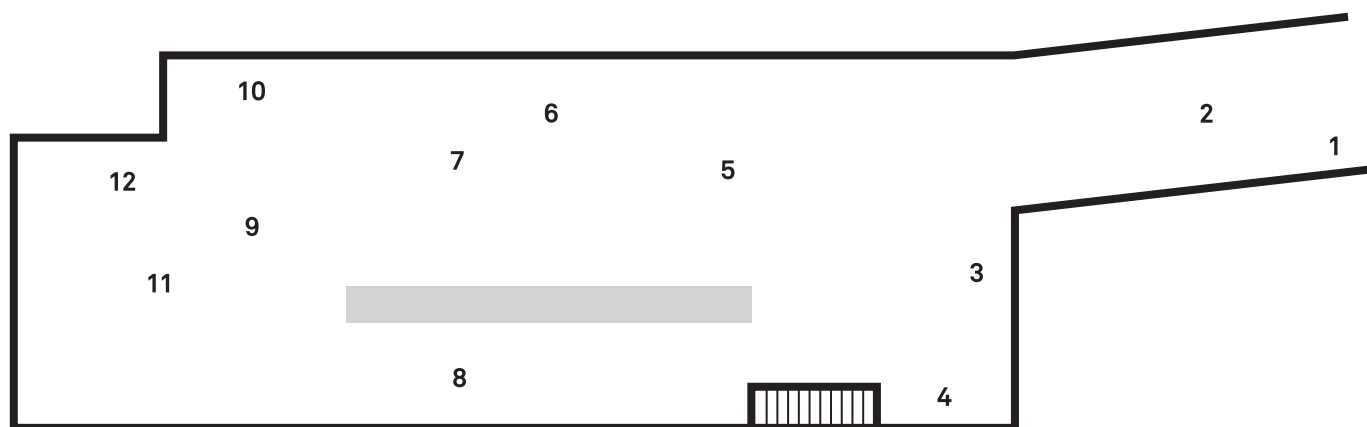
Foi no negro da rocha basáltica que a primeira ideia surgiu ao Alexandre, a Viagem ao Meio, um trabalho estrutural que cruza o filme como matéria e a imagem vídeo como representação... Voltámos então à gruta com um rolo de 600 metros de película debaixo do braço, e, do centro, desenrolámos a fita virgem no chão no meio da lama, até à boca do túnel, como testemunho da progressiva entrada de luz natural numa câmara escura, no negro do centro do vulcão. Depois o Estrela filmou o corredor com uma câmara digital, avançando pé ante pé até à saída que dava ao mar, pelo caminho dentro focando o ponto de luz oscilante na outra extremidade. Mais tarde na Zdb recriámos a experiência e projectaram-se as duas imagens em simultâneo, sobrepostas, num cinema longitudinal, uma bancada alta de dois degraus, e uma viagem feita a dois, aos dois meios, o digital e o analógico, do princípio ao fim um luzeiro.

Mas não ficámos por aqui. Depois da nossa experiência na Atlântida, e já com o artista animado, convenci-o a viajar pelo mundo fora, chegámos a Timor timor, a leste do Leste como lhe chamam os locais, e convidados por aristocratas em fato de treino, testemunhámos a exumação do guardador da montanha seis meses depois do seu enterro católico. No Mundo Perdido, participámos incrédulos em novos rituais funerários... foi porreiro, havia Sumol de laranja e comemos búfalo com batata frita.

De volta a Lisboa, o João e o Pedro mostraram-me um filme invulgar quase documental que fizeram em São Tomé e a que chamaram Papagaio. Perguntei-lhes porquê? e eles vieram-me de novo com aquelas palavras esquisitas, *ventriloquismo*. Era um ritual de transe em que o espírito dos mortos entrava nos corpos “sobrenaturalizados”, a banda tocava música, invocavam uns santos africanos e almas penadas desciam involuntariamente a quem se desse a essa força hipnótica. Os artistas filmavam, depois passavam a câmara aos monstros e o filme era um, e outro: ao mesmo tempo um filme realizado por eles e um filme de zombies, como num teatro de mortos-vivos, uma luz ao fundo do túnel a meio de qualquer coisa.

Natxo Checa, Julho de 2016

piso 0



1.

**Moondog (dias pares, dias ímpares), 2013**

A.E.

Duas impressões a jacto de tinta perfuradas

60 × 48 cm cada

2.

**3 Sóis, 2009**

J.M.G. + P.P.

Filme 16mm, cor, sem som, 0'50''

Representação Oficial Portuguesa na 53ª Bienal de Veneza,

DGARTES, Ministério da Cultura, Portugal

3.

**L'Ours, 2003–13**

A.E.

Projecção de vídeo sobre ecrã de vidro, som

Vídeo: SD MOV (PAL), cor, 5'48'', loop, som mono

Ecrã: vidro laminado, 176 × 224 cm; círculos de cartão colados na parede, 15 cm Ø

Som: Banda sonora original de Paul de Jong, 2003;

Mantra repetido por Jean-Luc Godard

4.

**Onda, 2011**

J.M.G. + P.P.

Filme 16mm, cor, sem som, 2'43''

Co-produção Bienal de São Tomé

e Frac Île-de-France/Le Plateau, Paris

5.

**O Cobra Verde, 2009**

A.E.

Projecção de vídeo sobre ecrã, som

Vídeo: Mono canal, SD MOV (PAL), cor, 4' 40'', som stereo

Ecrã: 260 × 350 cm

Som: Banda-sonora original de Paul de Jong, 2003

**Derrubar Árvores, 2014**

J.M.G. + P.P.

Filme 16mm, cor, sem som, 8'55''

Produção Fondazione HangarBicocca, Milão

6.

**Longing for Darkness, 2014**

A.E.

Projecção de vídeo sobre escultura, som

Vídeo: SD MOV (NTSC), cor, 12', loop, som mono

Escultura: mesa com tampo de vidro 4:3, 40 × 175 × 125 cm;  
coluna Genelec 8020

Som: Alexandre Estrela, a partir de Sei Miguel e Fala Mariam,  
4'40'', 2014

7.

**I to Infinity, 2006**

A.E.

Projecção de vídeo sobre ecrã, s/ som

Vídeo: mono canal, SD MOV (PAL), cor, loop, s/ som

Ecrã: 202 × 270 cm

**Projector (teste de câmara), 2016**

J.M.G. + P.P.

Filme 16mm, cor, sem som, 2'34''

Co-produção Aargauer Kunsthaus, Aarau e SeMA

Biennale Mediacity Seoul 2016

8.

**Waterfalls, 2010**

A.E.

Projecção de vídeo sobre ecrã de metal, som  
Vídeo: SD MOV (PAL), cor, 2'54'', loop, som mono  
Ecrã: metal pintado de cinza, 60.2 × 80 × 10 cm

**Iniciado, 2008**

J.M.G. + P.P.

Filme 16mm, cor, sem som, 2'39''

9.

**Viagem ao Meio, 2010**

A.E.

Projecções de vídeo e filme sobrepostas, som;  
e bancada de dois níveis  
Filme: 16 mm, cor, 60'  
Vídeo: SD MOV (PAL), cor, 120', som stereo  
Ecrã: 300 × 400 cm. Bancada: madeira,  
com o comprimento do cone de projecção do filme

**Papagaio (djambi), 2014**

J.M.G. + P.P.

Filme 16mm, cor, sem som, 43'42''  
Produção Fondazione HangarBicocca, Milão

10.

**Máquina de Lavar (teste de câmara), 2014–2015**

J.M.G. + P.P.

Filme 16mm, cor, sem som, 2'40''

11.

**Aquário, 2010**

A.E.

Projecção de vídeo sobre plexiglas e papel, som  
Vídeo: SD MOV (PAL), cor, 1'32'', loop, som stereo  
Ecrã: plexiglas e papel fabriano 200 gr., 52.5 × 93 × 50 cm  
Som: *Barbecue Grill* de Alvin Lucier

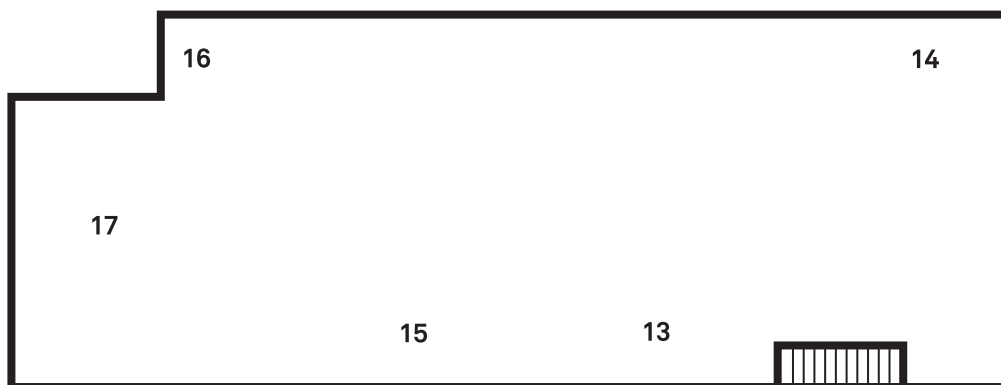
12.

**Cowfish, 2011**

J.M.G. + P.P.

Filme 16mm, cor, sem som, 2'25''  
Produção Museo Marino Marini, Florença.  
Agradecimentos: Lamu Palm Oil Factory

piso 1



13.

**Flauta**, 2010

A.E.

Projeção de vídeo sobre ecrã preparado, som  
Vídeo: HD MOV (PAL), cor, 1'45'', loop, som mono  
Ecrã: estrutura de madeira, 78 × 100 × 15 cm

14.

**Glossolalia ("Bom Dia")**, 2014

J.M.G. + P.P.

Filme 16mm, cor, sem som, 7'10''  
Produção Fondazione HangarBicocca, Milão

15.

**Espelho Ardente**, 2010

J.M.G. + P.P.

Filme 16mm, cor, sem som, 2'27''

16.

**Tartaruga**, 2011

J.M.G. + P.P.

Filme 16mm, cor, sem som, 2'40''  
Produção Frac Île-de-France/Le Plateau, Paris  
Agradecimentos: Jardim Zoológico de Lisboa

17.

**Solar Watch**, 2006

A.E.

Projeção de vídeo sobre escultura de alumínio, s/ som  
Vídeo: SD MOV (PAL), cor, 2'48'', loop, s/ som  
Escultura: alumínio pintado de branco, 67 × 119 × 84 cm

### **L'Ours, 2003–13**

A.E.

As focas têm a capacidade de reconhecer ursos polares à distância através da identificação do triângulo formado pelo seu nariz e dois olhos. Em resposta, os ursos desenvolveram o hábito de esconder o nariz com as patas durante a caça. Em *L'Ours*, o reflexo de um homem ecoa em resposta ao som de uma voz monótona que repete a frase: “Tu vais tornar-te no homem, que viu o homem que viu o homem que viu o urso”. De tempo a tempo, um urso polar emerge furtivamente no ecrã. O triângulo do seu focinho encaixa-se perfeitamente sobre três pontos pretos colados na parede. A estrutura triangular formada pelos pontos fixa a imagem do urso, que daí em diante permanece imanente no vídeo.

### **O Cobra Verde, 2009**

A.E.

*O Cobra Verde* é um longo travelling que acompanha o rastejar horizontal de uma trepadeira bicentenária ao longo de uma grade de ferro. A planta move-se lentamente, devorando o metal pelo caminho. O vídeo foi gravado no modo nightshot, que realça a tonalidade escura da imagem. Uma inquietante sensação de luta é acentuada por um grito primordial, um som gutural que convoca o esforço de séculos. A composição, da autoria de Paul de Jong, parte do som de choro de um recém-nascido, que foi desacelerado para se assemelhar a uma perturbadora voz adulta.

### **Aquário, 2010**

A.E.

Um elástico flutua à deriva num aquário. O movimento deste corpo estranho e geométrico é acompanhado pelo som de frequências puras, pontuadas por notas soltas de um piano. O som electrónico cria uma ilusão sonora resultante do cruzamento de duas frequências com movimentos contraditórios — uma ascendente e outra descendente (o paradoxo de Shepherd). A cada nota de piano corresponde no vídeo um fotograma, que corta o fluxo das imagens interferindo de forma visível no contorno geométrico do elástico. Quando é tocada uma nota aguda, um fotograma posterior do mesmo vídeo surge momentaneamente no ecrã; inversamente, um fotograma de um momento anterior é inserido quando se ouve uma nota grave. À medida que o vídeo progride, o elástico vagueia pelo ecrã, transportando consigo o desenho ou a marca de momentos passados e futuros. O vídeo é absorvido por uma folha de papel inserida numa estrutura acrílica, que reflecte, divide e reprojecta as imagens nas paredes circundantes da peça.

### **Longing for Darkness, 2014**

A.E.

Após ter filmado uma maquete do monumento neolítico de Carnac tornou-se claro que as intermináveis filas de menires que se dirigem para o mar, são uma forma de notação musical. Esta “pauta” de uma escala sobre-humana seria semelhante à paisagem australiana cantada pelos aborígenes nas suas song lines. Pedi aos músicos Sei Miguel e Fala Mariam para que com os seus sopros seguissem a progressão do vídeo. O resultado foi um som profundo que se encaixa no título *Longing for Darkness*, o nome de um filme perdido do fotógrafo Peter Beard.